

A CRISE, setor por setor

Em debate, os efeitos da recessão

por Celso Pinto
de São Paulo

A indústria química, cujas empresas amargaram uma queda de quase 14% em suas vendas no ano passado, está pessimista quando projeta os resultados deste ano. Isenta, contudo, a atual política salarial de qualquer responsabilidade por suas agruras. Sua folha de pagamentos soma não mais de 16,6%, em média, de seus custos.

Já o setor de comércio, com um desempenho medíocre no ano passado e perspectivas pouco brilhantes neste ano, acha que perdeu duplamente com as regras de reajuste salarial: quem ganhava pouco não passou a ganhar mais, pois a rotatividade engoliu na vida real o que a lei oferecia; quem ganhava mais passou a ganhar menos. O aumento real de salários nas camadas mais baixas pode ter provocado algum alento de curto prazo para o comércio, mas, por ser inflacionário, foi prejudicial num período mais longo.

As duas avaliações, contraditórias, emergiram do Primeiro Colóquio Multisetorial Gazeta Mercantil/Fundação Getúlio Vargas/Iniciativa Privada, realizado sexta-feira, em São Paulo. Foram nove horas de análises e debates sobre 24 setores econômicos brasileiros por cerca de sessenta empresários, professores de economia e administração de empresas e jornalistas, reunidos em doze grupos de trabalho. Como apoio básico, foram utilizados os dados do desempenho econômico de

mais de 6 mil empresas, no ano passado, compilados pela revista Balanço Anual, cujos editores se encontram empenhados em fazer um levantamento sobre o comportamento da economia no ano passado e neste e definir tendências para o próximo ano.

Do confronto entre as conclusões de cada grupo de trabalho, e de um debate plenário, no final da tarde, sob a perspectiva de uma visão multisetorial, ficou uma conclusão, de que a questão dos salários é um exemplo expressivo: é muito difícil, e provavelmente equivocado, querer ler numa ótica única os interesses, desempenho e inquietações empresariais.

Assim como nem todos gostariam de ver torpedeada a lei salarial, houve quem lucrasse em meio à recessão econômica do ano passado; quem tenha tido polpidos lucros financeiros, ainda que a regra tenha sido o aumento do endividamento, e não das receitas; ou quem peça mais encomendas estatais, embora muitos reclamem do excesso de gastos públicos.

Nem sempre quem vendeu menos, no ano passado, também lucrou menos. A coincidência entre desaceleração econômica e liberação de preços industriais permitiu a vários setores recompor suas margens de lucros mesmo em meio a um mercado retraído. Certamente, se a liberação ocorresse num momento de ascensão de vendas, o impacto inflacionário seria expressivo — e, sem dúvida, algo parecido ocorreu neste primeiro semestre. Mas é igualmente verdadeiro considerar que o

casamento entre retração e liberação de controles ajudou vários setores a atravessar 1981 com mais fôlego.

O setor de alimentos, assim como o de bebidas e o de fumo, esteve entre os que atravessaram com bons números o ano passado. No caso das bebidas e do fumo, houve aumento da rentabilidade e ela decorreu do aumento real dos preços, conforme a conclusão apresentada pelo grupo de trabalho.

Em outro extremo, o setor de transporte, em geral, e o automobilístico, em particular, não tiveram muitas atenuantes: nem mesmo a tradicional capacidade de extrair de seus caixas bons resultados financeiros ou a política de sustentar um ano de aumentos superiores à inflação impediram as montadoras de registrar prejuízo operacional de Cr\$ 3,3 bilhões.

No painel formado pelo Colóquio, um caso curioso é o da propaganda. Em 1980, quando a economia disparava a 8% ao ano, houve corte de 20% no apurado pelo setor

de publicidade e propaganda — as empresas, simplesmente, não precisavam investir nesta área para encontrar um mercado ávido por compras. No ano passado, inverteu-se o quadro e, em meio à recessão, o setor conseguiu sustentar um crescimento real da receita de 11,5%.

Isso não quer dizer, é claro, que os empresários de publicidade estejam torcendo por uma nova recessão econômica. Nem é verdade que o setor de bens de capital, que constatou nas discussões em grupo uma perspectiva sombria para o setor, em termos mundiais, embora aposte em ambiciosas encomendas estatais nos próximos anos, no Brasil, seja um incondicional defensor da estatização da economia. É fato, de toda forma, que os interesses de quem vive do Estado nem sempre coincidem com a retórica que endossa publicamente. As conclusões de cada grupo de trabalho neste Colóquio, relatadas neste caderno especial, talvez ajudem a compreender melhor algumas destas encruzilhadas.

Os que participaram

Participaram do 1º Colóquio Multisetorial Gazeta Mercantil/FGV/Iniciativa Privada:

1º grupo: Agropecuária, Alimentos, Bebidas e Fumo — José de Campos Mello (OCB), Paulo Affonso Lagos de Aguiar (ABIA), Luiz Fonseca (Embratur), prof. Yoshiaki Nakano (FGV), Lillian Witte Fibe (Gazeta Mercantil) e Wanda Jorge (Gazeta Mercantil).

2º grupo: Material de Transporte, Autopeças — Lineu Alvim Coelho Jr. (Anfavea), Miguel Gomes de Almeida Filho (Anfavea), Fábio Kowarick (Abifer), prof. Eurico Korff (FGV) e S. Stéfani (Gazeta Mercantil).

3º grupo: Editorial e Gráfica, Propaganda — Antônio Bolognese Pereira (Abigraf), Len Borg (ABA), prof. Marcos Gouveia de Souza (FGV) e Otávio Garibaldi (Gazeta Mercantil).

4º grupo: Mecânica, Metalurgia e Eletroeletrônica — Omar Bittar (ABDIB), Sérgio Roberto Ugolini (Abinee), prof. Yuichi Tsukamoto (FGV) e José Casado (Gazeta Mercantil).

5º grupo: Química, Têxtil, Papel e Celulose — Artur Pinto Ribeiro Candal (Abiquim), José Carlos Rossi (ANFPC), Francisco Brás Saliba (ANFPC), Pedro Villasboas (ANFPC), Cláudio Manoel (ANFPC), prof. Claude Machline (FGV) e Paulo Ludmer (Gazeta Mercantil).

6º grupo: Serviços Públicos, Transportes — Horácio Francisco

Ferreira (NTC), José Nilton Dallari Soares (SEAP), prof. Jorge Queiroz de Moraes Júnior (FGV) e Claudia de Souza (Gazeta Mercantil).

7º grupo: Construção Civil, Não-Metálicos — Hugo Marques da Rosa (APEOP), prof. Roberto Vivian Norman Cajado Nicol (FGV) e Severino Goes (Gazeta Mercantil).

8º grupo: Comércio — Altamiro José Carvalho (Federação do Comércio do Estado de São Paulo), Nelson Clark (AEB), prof. Gustavo de Sá e Silva (FGV) e Celso Pinto (Gazeta Mercantil).

9º grupo: Turismo e Entretenimento — José Lattes (ABIH), Luiz Renato Iguarra (Embratur), Regina Naked (Embratur), prof. Marcelo Antinori (FGV) e Tomás Irineo Pereira (Gazeta Mercantil).

10º grupo: Madeira e Móveis, Material e Serviços de Escritório — Ernest Muhr (Abicomp), Vasco Flandoli (Associação Brasileira de Produtores de Madeira), prof. Dennis Cintra Leite (FGV) e José P. Martinez (Gazeta Mercantil).

11º grupo: Mineração — Edison Antônio Guidi (Abranfe), José Mendo Mizaél de Souza (Ibram), prof. Luís Antônio de Oliveira Lima (FGV) e Sérgio Danilo (Gazeta Mercantil).

12º grupo: Finanças, Seguros — Geraldo Camargo Vidigal (Febraban), prof. Alkimar Ribeiro de Moura (FGV) e Antônio Félix (Gazeta Mercantil).